

## PANDEMIAS NO ANTROPOCENO

*Rodrigo Pennesi*

Doutorando e pesquisador do Laboratório de filosofia Contemporânea da UFRJ

**Resumo:** O artigo busca analisar as novas modulações da segurança que se evidenciam com a crise gerada pela pandemia do covid-19. Partindo de uma análise de pandemias históricas, buscamos evidenciar o caráter interconectado do mundo num paradigma do Antropoceno e logo as novas tecnologias de segurança globais decorrentes do combate à crise.

**Palavras-chave:** covid; biossegurança.

**Abstract:** The article seeks to analyze the new security modulations that are evident with the crisis generated by the covid-19 pandemic. Starting from an analysis of historical pandemics, we seek to highlight the world's interconnected feature in an Anthropocene paradigm and then the new global security technologies that result from fighting the crisis.

**Keywords:** covid; biosecurity.

Uma nova pandemia paralisou o mundo, fluxos internacionais de mercadorias e pessoas se interromperam abruptamente, cidades que nunca dormem agora se encontram quarentenadas, com ruas desertas, colocando em xeque a economia globalizada. O atual vírus age diretamente na barreira alvéolo-capilar, atacando a zona de troca de oxigênio do ar que respiramos e dos glóbulos vermelhos nos capilares pulmonares. Causando a sensação de morrer afogado no seco, falta de ar, negação de um dos últimos recursos naturais ainda não comoditizados.

O embate que se coloca, face a catástrofe biológica, é entre de um lado o consenso científico pregando distanciamento social e higienização constante com o objetivo de achatar o pico da epidemia para lidarmos com a deplorável insuficiência dos sistemas de saúde precarizados por décadas de neoliberalismo.

Em muitas partes do suposto mundo “civilizado”, os governos locais e regionais, que invariavelmente formam a primeira linha de defesa da saúde pública e das emergências sanitárias deste gênero, estavam privados de financiamento graças a uma política de austeridade destinada a financiar cortes de impostos e subsídios às grandes empresas e aos ricos. (HARVEYIn:AMADEO, 2020:87)

Do outro lado os asseclas da mão invisível agora exigem abertamente sacrifícios humanos ao Deus Mamom(𐤇𐤍𐤏) para apaziguar a economia. Na contramão de estudos, especialistas e mesmo do próprio exército(CEEEX, 2020), cujo estudo estratégico foi publicado e prontamente deletado por se opor as políticas defendidas pelo excrementíssimo presidente, os novos fascistas de mercado exigem a morte de velhos, doentes crônicos e mesmo uma parcela de trabalhadores ativos para salvar o santo lucro do empresariado.

A lógica do sacrifício que sempre esteve no coração do neoliberalismo, que deveríamos chamar de necroliberalismo. Esse sistema sempre operou com um aparato de cálculo. A ideia de que alguém vale mais do que os outros. Quem não tem valor pode ser descartado. A questão é o que fazer com aqueles que decidimos não ter valor. Essa pergunta, é claro, sempre afeta as mesmas raças, as mesmas classes sociais e os mesmos gêneros. (MBEMBE, 2020)

A comunidade científica já apontava em estudos sobre a catástrofe climática porvir para a necessidade de alterarmos nosso modo de vida, e sempre foram prontamente opostos pela necessidade de subordinar a saúde da população e mesmo da espécie humana às leis do lucro, a força irreversível do progresso e a impossibilidade de tirar a economia dos trilhos. Foi preciso que um vírus mortal escancarasse nossa própria fragilidade biológica, infinitamente permeáveis a vírus patogênicos invisíveis, para desmontar as pretensas verdades inquestionáveis dos economistas.

Os mapas de dispersão do vírus apontam sua célere amplificação por trocas nacionais e internacionais por meio aeroviário, uma epidemia iniciada na China Central rapidamente se globaliza, tornando-se uma pandemia, pegando carona nos fluxos do capitalismo mundializado. Os principais focos da pandemia são convergentes com os grandes hubs de vôos internacionais. A velocidade de dispersão global da pandemia hoje é maior do que em qualquer outro período, porém a ideia da criação de um sistema-mundo integrado remonta as grandes navegações do século XVI, associado ao colonialismo, ao imperialismo e as transformações da natureza pelo processo expropriatório protagonizado pelos europeus ao subjugar não brancos, mulheres e os bens naturais ao seu regime de extração de riquezas.

O intercambio colombiano colocou em contato os nativos americanos com a população europeia, acostumada a conviver com animais, tendo maior troca de micróbios com esses e acostumada ao intercambio microbiano eurasiático proveniente da rota da seda e das grandes campanhas de guerra. A dispersão global de pandemias não é a novidade, os Romanos levaram a varíola para toda a Europa e Oriente Médio no século II, também os Mongóis foram responsáveis por levarem a peste bubônica à Europa no século XIV

(ALCHON, 2003:80). Mas o efeito do solo virgem que atingiu as populações nativas das Américas levou a um colapso populacional, a cocoliztli, palavra Nahuatl para peste, dizimou 90% da população nativa (WAIZBORT, PORTO, 2018:396), uma hecatombe demográfica sem comparação até hoje na história humana.

A gripe espanhola pegou carona nas tropas da primeira guerra mundial e se espalhou rapidamente por todo o globo, enquanto a guerra em si ceifou 8 milhões de vidas a pandemia que a sucedeu levou entre 35 a 50 milhões. A participação do Brasil na primeira grande guerra se resume em dois fatídicos acontecimentos, primeiro a batalha das toninhas em Gibraltar em que a marinha dizimou um cardume de golfinhos confundidos com submarinos alemães, e em segundo lugar a façanha de trazer o vírus para o território brasileiro, onde morreram 35000 pessoas, sendo 12000 só no Rio de Janeiro. Com a crise econômica subsequente, face a indiferença do governo, povo carioca só encontrava amparo no trabalho social dos anarquistas em seu combate a carestia de vida e seus comitês de combate a fome.

Tivemos outros alarmes de pandemias recentes como a doença da vaca louca, onde acredita-se que o gado tenha sido infectado por ser alimentado com farinha de carne e ossos, que continha os restos de outros bovinos; o Ebola com diversos surtos desde 1976; as gripes suína e aviária; e também os recentes surtos de dengue, febre amarela, febre mayaro, zika e chikungunya, todos ligados ao mosquito *Aedes aegypti*, que com o aquecimento global tem aumentado cada vez mais os limites latitudinais de sua dispersão geográfica.

Por mais que as autoridades, para justificar sua inanição, reafirmem surpresa com o presente surto viral, além de inúmeros casos históricos que poderíamos continuar elencando, também é importante ressaltar que essa é a terceira emergência de coronavírus apenas nos últimos 20 anos. Tivemos a primeira SARS-CoV em 2003, originada em gatos-de-algália infectados por morcegos, a MERS-CoV em 2012 originada nos camelos, e agora o Covid-19 cuja origem mais provável tenha sido a carne de pangolins infectados por morcegos. Um estudo publicado em Março de 2019 por pesquisadores do Instituto de Virologia de Wuhan ligado à Academia Chinesa de Ciências já apontava que “não devemos subestimar a possibilidade de recombinação entre diferentes CoVs de morcego, levando à geração de vírus com potencial pandêmico” (FAN et al., 2020:7). O estudo foi amplamente ignorado pelas autoridades sanitárias.

O que vemos de comum é que todas essas pandemias são resultantes da ação antrópica predatória sobre o meio ambiente, e os processos antrópicos tiveram efeitos planetários, como nos explica o professor Philippe Sansonetti titular da cátedra de microbiologia e doenças infecciosas no Collège de France:

Como o comportamento humano modifica as condições ecológicas, esses morcegos entram em contato com animais suscetíveis eles mesmos a esse salto de espécies e replicam esse vírus. Isso cria uma zona de risco em torno dos seres humanos, pois qualquer contato humano com esses animais do reservatório pode dar origem a um salto dessa vez na espécie humana e a ocorrência da doença.

Portanto, vemos que existem áreas de passagem permanentes para o salto de espécies e, às vezes, de repente, porque o vírus sofreu uma mutação, que adquiriu um pequeno fragmento de genoma adicional, torna-se perfeitamente adaptado à passagem em humanos. Portanto, estamos constantemente ameaçados por essas doenças emergentes. São **doenças do antropoceno**: essencialmente ou mesmo exclusivamente, elas estão ligadas ao controle do planeta e à impressão que o homem deixa nele. (SANSONETTI, 2020)

O conceito de Antropoceno foi introduzido para capturar essa mudança quantitativa na relação entre humanos e o ambiente global. Representa uma nova época da Era Cenozóica, caracterizado pela influência da civilização humana no meio ambiente em escala planetária. A ideia da Terra como um sistema global foi proposta por Vernadsky em 1926, com seus estudos sobre a Biosfera, ele foi a primeira pessoa na história a lidar com as implicações reais do fato de que a Terra é uma esfera fechada em si mesma. No modelo da biosfera, a vida não é meramente uma força geológica, é a grande força geológica, praticamente todas as características geológicas na superfície da Terra são bioinfluenciadas. O que está em jogo com o conceito de Antropoceno não é tanto o reconhecimento da atividade humana como força geológica, mas sim o seu reconhecimento como força capaz de desencadear uma crise na biosfera

Além do ciclo do carbono, os seres humanos estão alterando significativamente vários outros ciclos biogeoquímicos, ou ciclos de elementos, como nitrogênio, fósforo e enxofre, que são fundamentais para a vida na Terra; modificando fortemente o ciclo da água terrestre interceptando o fluxo do rio das terras altas para o mar e, através da mudança na cobertura da terra, alterando o fluxo de vapor de água da terra para a atmosfera; e provavelmente dirigindo o sexto grande evento de extinção na história da Terra. Em conjunto, essas tendências são fortes evidências de que a humanidade, nossa própria espécie, se tornou tão grande e ativa que agora rivaliza com algumas das grandes forças da Natureza em seu impacto no funcionamento do sistema terrestre. (STEFFEN et al, 2011:843)

Trata-se da enorme carga de produtos químicos tóxicos, de mineração, de esgotamento de lagos e rios, sob e acima do solo, de simplificação de ecossistemas, de grandes genocídios de pessoas e outros seres. Conseqüentemente, os seres humanos passaram a ocupar, cada vez mais, áreas silvestres, florestas, com o intuito de explorar seus recursos para fins econômicos, especialmente no contexto contemporâneo. Assim,

avançaram sobre ecossistemas naturais, transformando-os e destruindo espécies vegetais e animais.

Alguns proponentes do conceito de Antropoceno atentam para os problemas do nome e propõem alternativas como Capitaloceno que visa evidenciar que os índios da Amazônia ou um camponês da agricultura familiar, por exemplo, não contribuíram para a emissão de partículas sólidas na atmosfera na mesma proporção que os proprietários de uma grande indústria; outra proposta seria seguir as recomendações da geologia de nomear uma nova era pelos biomas que surgem, ficando aí as propostas de nome Plantationceno e Homogenoceno, dada a substituição da biodiversidade natural pelos latifúndios e pecuária; outra proposta ainda seria nomear a nova era de Cthuluceno com o intuito de ressaltar que as alterações geofísicas trarão catástrofes análogas ao despertar do monstro Cthulhu que colocaria a humanidade face ao horror cósmico inescapável.

Nesse novo paradigma que se desvela, onde as catástrofes climáticas deixam de ser previsões de futuro e se materializam como crises atuais, vemos a proliferação das técnicas de controle das populações para além de suas fronteiras tradicionalmente delimitadas pela ação governamental dentro das fronteiras estatais. “Passamos rapidamente de ‘aglomerados’ para uma situação epidêmica em todos os países: o problema não está mais bloqueando fronteiras ou outras ideias arcaicas. As fronteiras estão às portas do nosso apartamento” (SANSONETTI, 2020). Saúde pública tornou-se saúde global, o que significa não apenas que as técnicas de governança da saúde implementadas na Europa se espalharam pelo resto do mundo, mas mais profundamente que elas foram transformadas pela mudança de escala. Novas doenças infecciosas podem surgir na natureza devido a mudanças ecológicas (industrialização da pecuária, desmatamento, degelo), a precarização da vida (retorno da tuberculose ou cólera nos subúrbios e periferias), o uso desenfreado de antibióticos (bactérias resistentes) ou mesmo ataques bioterroristas.

Falar em segurança da saúde, ou mesmo segurança humana ou biossegurança, é deixar de tornar a segurança uma prerrogativa do Estado-nação para organizá-lo onde os seres vivos estão expostos a ameaças. A Biossegurança é uma tecnologia governamental de alcance global. Para além da soberania territorial, da disciplina dos corpos, do governo das populações, vemos surgir em evidencia um novo extrato para a ação governamental, é a ecopolítica planetária, que não respeita as fronteiras impostas pelo imperialismo e pelo estatismo, mas atua sobre a biosfera como um todo. Veremos como os princípios da biossegurança inspiram técnicas sociais de segurança que vão muito além de simplesmente atender às necessidades dos processos vitais de circulação.

Nossas existências são cruzadas por esses fluxos globais de imagens, de mercadorias, de informações e de moléculas. Tudo está unido e cada vinco no tecido se faz sentir em toda a superfície. As regiões do mundo não estão mais em total isolamento, impermeáveis entre si. Ao mesmo tempo em que inspira visões utópicas de uma comunidade planetária, essa interconexão generalizada também alimenta reflexos paranóicos: medos de epidemia mundial, insetos planetários ou contágio global. (GROS, 2012:177)

Face a nova pandemia a retórica adotada pelas organizações internacionais e por diversos chefes de Estado foi a declaração de guerra. Guerra contra uma ameaça estrangeira invisível, mas compreensível uma vez que “agora todos temos o poder de matar. O poder de matar foi totalmente democratizado. O isolamento é precisamente uma forma de regular esse poder” (MBEMBE, 2020). O que deve fazer soar os alarmes da crítica são a ativação de medidas de exceção e processos de securitização que, não suspendem formalmente os regimes democráticos, mas intensificam suas ações autoritárias e de monitoramento em nome da salvação. “Miseráveis medidas que o totalitarismo democrático está aplicando em todo o mundo à epidemia de coronavírus” (VANEIGEM, 2020).

O aplicativo lançado pelo SUS para orientar a população sobre procedimentos no trato da pandemia exigia uma série de acessos a dados pessoais que levantou suspeitas em grupos de defesa da privacidade virtual, o medo se materializou em 23 de Março quando o “Ministério da Ciência e Tecnologia anunciou o uso de dados georreferenciados dos usuários das empresas de telefonia para um mapeamento dos locais com maior aglomeração e desrespeito ao isolamento domiciliar”(LASINTEC, 2020).

Para colocar nos termos de Foucault, uma epidemia radicaliza e desloca as técnicas biopolíticas aplicadas ao território nacional até o nível da anatomia política, inscrevendo-as no corpo individual. Ao mesmo tempo, uma epidemia possibilita estender a toda a população as medidas políticas de “imunização” que haviam sido aplicadas até agora de maneira violenta contra aqueles que eram considerados “estrangeiros” tanto dentro como dentro do território nacional. (PRECIADO In: AMADEO, 2020:167)

As notícias que nos chegam do outro lado do globo apontam que a China encabeça o uso de dados particulares dos seus cidadãos para controlar a pandemia, “pode-se dizer que as epidemias na Ásia não são combatidas apenas por virologistas e epidemiologistas, mas sobretudo por cientistas da computação e especialistas em big data (HAN In: AMADEO, 2020:99)”. Doravante, por conta da catástrofe climática que desencadeamos, as crises serão reincidentes, e não estamos lidando apenas com ameaças virais, outras catástrofes estão surgindo no horizonte, secas, ondas de calor, tempestades. É preciso que estejamos sempre alertas para o aumento desmedido da vigilância digital, pois “a vitória chinesa na corrida tecnológica não significa que sua sociedade seja desejável do ponto de vista daqueles que

desejam uma sociedade pós-capitalista, democrática e não patriarcal” (ZIBECHI In: AMADEO, 2020:116).

A crise sanitária não é apenas uma crise, sempre passageira, mas uma mutação ecológica duradoura e irreversível, portanto é agora que devemos lutar para que, não se utilizem do pânico gerado pela pandemia para nos empurrar novos regimes de exceção de controle totalitário, e também para que uma vez terminada a crise, a retomada da economia não traga de volta o mesmo velho regime climático/econômico que nos colocou na posição que agora nos encontramos.

### **Bibliografia**

ALCHON, Suzanne Austin. (2003) *A Pest in the Land: New World Epidemics in a Global Perspective*. New Mexico: UNM Press

AMADEO, Pablo(org). (2020) **Sopa de Wuhan**. Editorial: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio)

CEEEX. (2020) **Crise do Covid-19: estratégias de transição para a normalidade**. Centro de Estudos Estratégicos do Exército.

FAN, Yi; ZHAO, Kai, SHI, Zheng-Li; ZHOU, Peng. (2019) **Bat Coronaviruses in China**. In: *Viruses*. Mar; 11(3): 210.

GROS, Frédéric. (2012) **Le Principe Sécurité**. Paris: Gallimard.

HARAWAY, Donna. (2016) **Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes**. In: *ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte I Ano 3 - N. 5*.

LASINTEC. (2020) **Segurança e monitoramentos: a democracia securitária na pandemia**. Boletim n.0 do LASInTec sobre os efeitos securitários da atual pandemia. OSASCO: EPPEN-UNIFESP.

MBEMBE, Achille. (2020) **Pandemia democratizou poder de matar**. Entrevista à Folha de São Paulo. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/2020/03/31/>

SANSONETTI, Philippe.(2020) **Covid-19, chronique d’une émergence annoncée**. In: *La vie des Idées, Dossier Les visages de la pandémie*. Paris: Collège de France. 19 mars

STEFFEN, Will; GRINEVALD, Jacques; CRUTZEN, Paul; MCNEILL, John. (2011) **The Anthropocene: conceptual and historical perspectives**. In: *Phil. Trans. R. Soc. A* p.842-867.

VANEIGEM, Raoul. (2020) **Coronavirus**. Extrait de *L’insurrection de la vie quotidienne*. Caen: Éditions Grevis.

VERNADSKY, Vladimir. **The Biosphere**. (1998) New York: Springer Science+Business Media.

WAIZBORT, Ricardo et PORTO, Filipe.(2018) **Epidemias e colapso demográfico no México e nos Andes do século XVI: contribuições da biologia evolutiva**. In: História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.25, n.2, abr.-jun. p.391-407